

A Palavra é Sua

AVALIAÇÃO DA SAÚDE NA ESCOLA: ALÉM DO ATO PEDAGÓGICO E DA DETECÇÃO DE TALENTOS PELO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Daronco LSE, Bordinhão LS, Brito E. Avaliação da saúde na escola: além do ato pedagógico e da detecção de talentos pelo profissional da educação física. *R. Perspect. Ci. e Saúde* 2016;1(1): 71-76.

Resumo: O presente ensaio crítico aborda questões referentes a avaliação na escola, com o intuito de apresentar e questionar os diversos tipos e formas, considerando desde a avaliação pedagógica até as relacionadas ao desempenho atlético e, também, a avaliação da saúde. São apresentados argumentos que ressaltam a importância do professor de educação física na escola, como o profissional da saúde inserido neste contexto. Além de proporcionar questionamentos sobre a formação dos atuais e futuros profissionais da educação física pelas Instituições de Ensino Superior.

Palavras-chave: Educação Física escolar. Avaliação da saúde na escola. Profissional da saúde na escola.

Luciane Sanchotene
Etchepare Daronco¹

Lidiane Soares
Bordinhão²

Edineia de Brito³

¹Profª. Drª. Associada /
CEFD/Universidade Federal
de Santa Maria

²Especialista em Educação
Física Escolar pelo CEFD/
Universidade Federal de
Santa Maria

³Licenciada em Educação
Física pelo CEFD/
Universidade Federal de
Santa Maria

Recebido: 03/09/2016

Aceito: 22/10/2016

A palavra é sua

Avaliar para diagnosticar, conhecer, interpretar, compreender e prescrever. A avaliação é a base da profissão do educador físico, sem avaliar o profissional não poderá determinar o comportamento de entrada de seus alunos, verificar a eficiência dos treinamentos e nem compreender o efeito de suas aulas no metabolismo humano. O professor de educação física é o profissional da saúde dentro das escolas, desta forma é responsável por várias formas de avaliação. A avaliação do desempenho físico com o objetivo de aperfeiçoar as características do indivíduo, a avaliação pedagógica que tem a finalidade de auxiliar e aprimorar o processo de ensino/aprendizagem e, sem sombra de dúvidas, a avaliação da saúde dos estudantes. Por que não dizer que seria o responsável também pela avaliação da saúde da comunidade escolar: pais, alunos e servidores?

Algumas avaliações como índice de massa corporal, circunferência da cintura e relação cintura quadril são reconhecidas internacionalmente por serem indicadores de doenças crônicas degenerativas não transmissíveis como: obesidade, diabetes e cardiopatias. São facilmente aplicadas ou administradas em escolas públicas, com equipamentos de baixo custo. Porém deve-se destacar a análise, interpretação e aplicação dos resultados destas avaliações. O que fazer com os dados coletados? Considerando-se a aptidão relacionada à saúde, podem ser feitos os testes para avaliar a flexibilidade de forma adaptada, como o sentar e alcançar, com o equipamento fita métrica. A resistência muscular localizada pode ser mensurada com um colchonete e um cronômetro utilizando-se o teste do abdominal modificado, onde, realizam-se o maior número de repetições em um minuto cronometrado. Ainda pode ser avaliada a resistência cardiorrespiratória, com testes de correr e caminhar. No momento pré-avaliações, antes do início das aulas, as escolas precisam exigir um atestado médico para prática de exercícios físicos. Este documento é o mínimo necessário para uma prática segura de exercícios físicos?

Mas avaliar as habilidades atléticas, como: potência de membros, agilidade, velocidade e equilíbrio, devem ser avaliadas na escola? A escola deve ser a responsável pela descoberta de talentos desportivos? De que forma estas avaliações devem ocorrer? Na seleção de atletas para equipes escolares? E estas avaliações são fidedignas e objetivas? Quais normas e padrões e em que se baseiam? E a avaliação funcional? A avaliação da postura, da marcha, da mobilidade articular? É função do educador físico? Deveria ser, pois ele possui conhecimentos de fisiologia, cinesiologia, anatomia, biomecânica e avaliação física. Mas as Instituições de Ensino Superior estão preparando seus alunos para esta prática?

É função também do educador físico orientar os alunos sobre hábitos alimentares saudáveis que podem ser seguidos por toda vida, pois é principalmente na adolescência que ocorre uma insatisfação com a imagem corporal, sendo que essa é um fator indesejável, porque pode servir como impulso para dietas rigorosas, maus hábitos alimentares e transtornos alimentares prejudicando assim a saúde do indivíduo. Para avaliação da imagem corporal temos instrumentos reconhecidos internacionalmente como: Teste das Figuras de Stunkard que consiste em um continuum de formas corporais que vai da magreza à obesidade mórbida. Ainda validado para a população brasileira a Escala de Silhuetas, composto por dois jogos de cartões, um para adulto e outro para crianças, facilmente aplicados no ambiente escolar.

Mais perguntas do que respostas, e os profissionais da saúde, professores de educação física, continuam indo para o mercado de trabalho, carregados de dúvidas. Dúvidas pedagógicas e dúvidas técnicas. O que fazer depois de diagnosticar a obesidade infantil? De que maneira abordar o aluno, os pais e a comunidade escolar? E o aluno com talento atlético notável, como e para quem encaminhá-lo? Não seria importante o educador físico influenciar a qualidade de vida de seus alunos? Será que esta variável não interfere no desempenho e comportamento dos mesmos nas aulas de educação física e, conseqüentemente, na escola? Ressaltando que a qualidade de vida é um aspecto abrangente, pois considera a visão que o indivíduo apresenta de si, sua cultura, valores até condições socioeconômicas.

Para avaliar a qualidade de vida dos alunos existem os questionários WHOQOL – 100 e o WHOQOL BREF, validados em português. O primeiro é composto por 100 questões que avaliam 6 domínios: físico, psicológico, nível de independência, relações sociais, meio ambiente e espiritualidade/crenças pessoais. Já o segundo é uma versão abreviada do questionário, composto por 26 questões, onde 4 domínios são considerados, são eles: físico, psicológico, relações sociais e meio ambiente. Estes questionários podem ser aplicados nas escolas, com os alunos e comunidade escolar.

E a qualidade do sono dos alunos também é um fator que deve ser considerado pelo professor de educação física? Considera-se que bons hábitos de sono, aliado à prática regular de exercícios físicos, são fundamentais para um melhor desempenho físico e intelectual do indivíduo, e merece atenção, principalmente quando trata-se de crianças e adolescentes. A avaliação da qualidade do sono dos escolares também pode ser realizada através de questionários, a exemplo do índice de Qualidade do Sono de Pittsburgh (PSQI) e da Escala de Sonolência de Epworth (ESE), ambos validados em português.

O PSQI é composto por 10 questões, sendo que as questões de 1 a 4 são abertas e, da 5 a 10, objetivas. As questões são analisadas por meio de pontuações divididas em 7 componentes, que podem variar de 0 a 3 pontos por componente, de forma que a pontuação máxima do instrumento é 21 pontos. A ESE é uma escala que apresenta instruções para a pontuação de 6 situações questionadas, cada situação pode ter a variação de 0 a 3 pontos. A pontuação é indicada pelo estudante e, posteriormente, é realizada a soma das mesmas e análise, os resultados de 0 a 10 pontos indicam ausência de sonolência; entre 10 e 16, sonolência leve; de 16 a 20 pontos sonolência moderada e, por fim, de 20 a 24 pontos, indica sonolência severa.

E a avaliação da inteligência corporal cinestésica e proficiência motora para acompanhar o desenvolvimento motor? Por que estas práticas não são vistas nas escolas? Por que não são sugeridas nos PCNs? O desempenho atlético e frequência nas aulas são mais importantes que o desenvolvimento motor? A observação do ritmo circadiano (ritmo diário) e do ritmo circaceptano (ritmo semanal) dos alunos pode ser um primeiro passo para que haja respeito pela individualidade biológica no desenvolvimento dos seres humanos.

Faz-se necessário dar um basta na avaliação do desempenho atlético para atribuir notas ao corpo discente. Chega de se utilizar instrumentos de avaliação de performance para determinar se o aluno está apto a ser aprovado de ano. Muitos destes instrumentos utilizados de modo incorreto e equivocado nas aulas de educação física escolar causam danos irreversíveis a autoestima das crianças e adolescentes. Pois comparam e classificam, criam rankings internos nas classes provocando comparações e desgastes desnecessários entre colegas, comunidade escolar e famílias.

O acompanhamento interdisciplinar ou multidisciplinar ainda é um sonho a ser alcançado. Algumas escolas particulares investem em fisioterapeutas, psicólogos, terapeutas ocupacionais para trabalharem de forma conjunta com o corpo discente. Mas falta ainda, o apoio governamental, que parte dos nossos líderes políticos este desejo de investir em saúde e educação de forma plena, e a escola é o templo para esta realização. Meta a ser almejada: projetos políticos pedagógicos que visem currículos de bacharelado e licenciatura com a mesma temática ou proposta audaciosa de formar um profissional da saúde apto a exercer sua formação seja dentro de um clube, escola e/ou academia considerando a saúde e educação como pilares da educação física, independente do campo de atuação escolhido. Projetos políticos pedagógicos das escolas valorizando o educador físico na mais ampla forma de atuação nestas instituições de ensino, seguindo os preceitos da ética profissional e moral desta área de atuação.

Referências

Betti M; Zuliani, L. R. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. Revista Mackenzie de Educação Física e esporte, 1 (1): 73-81. 2002.

Bertolazi A.N. Tradução, adaptação cultural e validação de dois instrumentos de avaliação do sono: Escala de sonolência de Epworth e Índice de qualidade de sono de Pittsburgh. [Dissertação de mestrado programa de pós-graduação em medicina: ciências médicas]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

Bertolazi A.N et al. Validação da escala de sonolência de Epworth em português para uso no Brasil. J Bras Pneumol, 35 (9): 877-83, 2009.

Boscolo R.A et al. Avaliação do padrão de sono, atividade física e funções cognitivas em adolescentes escolares. Rev Port Cien Desp. 7(1): 18-25, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN+) - Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2013.

Bratfische S.A. Avaliação em educação física: um desafio. Revista da Educação Física/UEM. 14 (2): 21-31, 2003.

Cardoso H.C et al. Avaliação da qualidade do sono em estudantes de medicina. Rev Bras Educ Med. 33 (3): 349-55, 2009.

Darido S.C. A Educação Física na escola e o processo de formação dos não participantes de atividade física. Revista Brasileira de Educação Física e Esportes. 18 (1): 61-80, 2004.

Darido S.C; Rangel I.A. Educação Física na escola: implicações para prática pedagógica. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2005.

Daronco L.S.E; Borges L; Souza L. e cols. Avaliação da Educação Física Escolar: para profissionais e acadêmicos da área. 1 ed. Santa Maria: Inov9 gráfica e editora, 2015.

Fleck M.P et al. Aplicação da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100). Rev saúde pública. 33 (2): 198-205, 1999.

Fróes Júnior E.G et al. Avaliação: Desafios e Perspectivas para Educação Física Escolar. In: IV EDIPE - Encontro Estadual de Didática e Práticas de Ensino. 2011, Goiânia, Anais do IV EDIFE. 2011.

Kakeshita I.S et al. Construção e fidedignidade teste-reteste de escalas de silhuetas brasileiras para adultos e crianças. Psicologia: Teoria e Pesquisa. 25 (2): 263-270, 2009.

Lima F.V. Correlação entre variáveis preditoras de estresse e o nível de estresse. [Dissertação de Mestrado]. Brasília: Faculdade de Educação Física, Universidade Católica de Brasília), 2005.

Silva W.G; Peric R.B.A. Avaliação nas aulas de Educação Física: entre a teoria e a prática. Revista Interfaces: ensino, pesquisa e extensão. 1 (1): 33-35, 2009.

Stunkard A.J; Sorensen T; Schlusinger F. Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. In: Kety SS, Rowland LP, Sidman RL, Matthyse SW, editors. Genetics of neurologic and psychiatric disorders. New York: Raven Press. 115 – 120, 1983.

Teixeira C.S; Dos Santos A. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. Rev. bras. educ. fís. Esporte, 26(2): 241-502, 2012.